

EDUCAÇÃO ESCOLAR E RELAÇÕES DE GÊNERO SEGUNDO A PERSPECTIVA DE HOMENS PROFESSORES

Adriana Horta de Faria
Josiane Peres Gonçalves

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vincula-se à pesquisa intitulada “Representações Sociais de Famílias, Gestores e Docentes do Gênero Masculino do Estado de Mato Grosso do Sul Sobre a Atuação de Homens Professores Com Crianças”. Este viés da pesquisa buscou identificar as representações sociais de professores do sexo masculino que atuam com crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, sobre as relações de gênero que permeiam a profissão docente.

Essas duas primeiras etapas da educação básica são marcadas pela predominância de mulheres atuando com as crianças e a presença de homens neste ambiente é escassa, assim a pesquisa justifica-se como relevante por investigar a percepção do próprio professor, visto que está diretamente ligado a ação, sendo então sujeito da realidade em que vive, podendo relatar o que percebe das famílias, dos gestores e também das próprias crianças diante da sua presença.

Partindo desse princípio, busca-se esclarecer alguns questionamentos relativos às representações deste professor homem sobre sua atuação: Estando em um ambiente de predominância feminina, ele percebe resistência por parte da comunidade escolar? Quais os motivos o levaram de haver poucos homens atuando na docência com crianças? E quais as representações sociais predominantes entre os professores homens que já atuam com turmas de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental no Estado de Mato Grosso do Sul?

A pesquisa foi realizada em duas etapas, a primeira por meio de telefonemas para as secretarias ou gerências de educação de todos os municípios do estado de Mato Grosso do Sul, para localizar professores homens atuando na educação infantil. Após a escolha das cidades a serem visitadas e os sujeitos, foi realizada a pesquisa de campo, utilizando entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, transcritas e analisadas, buscando alcançar o objetivo desta investigação de analisar as representações sociais a respeito das questões de gênero colocadas pelos docentes. Os resultados do estudo serão apresentados e analisados logo após a reflexão sobre a abordagem teórica relativa à gênero, docência e representações sociais, conforme apresentado na sequência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As pesquisas das representações sociais apresentam um método eficaz para investigar “como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade

cotidiana” (Alves-Mazzotti, 2009, p. 21). Assim, entende-se que o objetivo das representações sociais é tornar o não familiar em familiar, ou seja, naturalizar processos que não são naturais e sim construídos socialmente e difundidos por meio da interação pública entre atores sociais, em práticas de comunicação do cotidiano. As representações dos indivíduos interferem diretamente em suas ações, Moscovici ressalta:

No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos [...] elas possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta [...] é alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado (Moscovici, 1973, p. 26-27).

As representações sociais podem ser entendidas como um complexo de conceitos e de explicações da vida cotidiana refere-se à elaboração dos saberes sociais que influenciam diretamente nas ações dos sujeitos. Nas relações de gênero na educação a representação social predominantes em famílias de crianças pequenas, são que a mulher tem características consideradas femininas, como: paciência, amor materno e “jeito”, apontado como atributos indispensáveis para o exercício da prática docente com crianças (Gonçalves & Faria, 2014, Gonçalves & Carvalho, 2014, Gonçalves et al, 2015, Gonçalves & Antunes, 2015).

As relações de gênero são resultado de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e segue ao longo de toda a vida. Na nossa sociedade este processo vem reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres, principalmente em torno da sexualidade, da reprodução, da divisão sexual do trabalho e o âmbito público/cidadania.

No que se refere ao gênero humano, vêm indicando o papel do homem e da mulher, impondo a função de cada indivíduo na sociedade. Essas relações acabam por fazer com que se idealize o que é habitual a um homem praticar ou até mesmo o que não é natural da mulher realizar. Entretanto, a desigualdade entre homem e mulher é construída socialmente e não se dá através da diferença biológica de cada um, ou seja, é algo construído sócio e culturalmente. Dessa forma, a literatura educacional sugere que gênero é uma representação social relacionada ao autoconceito de ser homem ou de ser mulher.

Gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (Scott, 1998, p. 15).

Pode-se afirmar que as relações de gênero na educação escolar brasileira inicialmente somente homens atuavam como professores. Posteriormente, contudo, em decorrência de acontecimentos sociais nos séculos XIX e XX, como a revolução industrial, por exemplo, as mulheres começaram a participar de forma ativa na sociedade (além dos limites do lar) e a ocupar alguns postos que anteriormente eram exclusivos dos homens. A profissão docente foi uma das primeiras e principais ocupações da mulher a partir desse período (Gonçalves & Faria, 2014).

A educação infantil teve inicialmente caráter assistencialista e as mulheres se ocupavam de cuidar dos filhos das mães que trabalhavam. As mulheres foram consideradas como as mais indicadas para esta tarefa, pois era entendida como

característica nata à habilidade de cuidar de crianças. Para Louro (2012), a inserção das mulheres como professoras no mercado de trabalho passou a ser vista como uma extensão da maternidade:

Afirmavam que as mulheres tinham, "por natureza", uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e "naturais educadoras". Portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, uma "extensão da maternidade", cada aluno ou aluna vistos como filho ou filha "espiritual" (Louro, 2012, p. 450).

Pode-se relacionar a entrada da mulher no exercício do magistério ao fato de possuir características "tipicamente femininas", como: bondade, compaixão, gentileza, paciência, entre outras. Para Louro (2012), essas características articulavam a tradição religiosa com a atividade docente, pois a figura feminina estava ligada aos ideais da moralidade cristã, em que a mulher era valorizada pelos papéis de mãe e de esposa. Trata-se de representações sociais que contribuíram para o afastamento dos homens do magistério e para aumento da participação feminina no ambiente escolar.

Considerando esse panorama, buscou-se com este estudo analisar as representações sociais dos professores do sexo masculino e as questões de gênero colocadas por estes indivíduos, tendo em vista as especificidades que rodeia este escasso profissional do sexo masculino, atuante com crianças.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, tipo de pesquisa que, de acordo com Minayo (1998), é entendida como aquela capaz de incorporar as questões de significado e de intencionalidade como inseparáveis dos atos, das relações e das estruturas sociais.

O motivo que influenciou na elaboração da pesquisa sobre as representações sociais de professores homens com crianças foi o fato de que os profissionais que atuam nas duas primeiras etapas da educação básica são majoritariamente mulheres, contudo segundo o que afirma Ramos (2011), a presença masculina no ambiente escolar é vista como necessária e positiva ao desenvolvimento emocional da criança. De acordo com Alves-Mazzotti (2009) este modelo de pesquisa permite verificar em que se baseiam as ações executadas na educação, a autora versa:

O estudo das representações sociais parece ser um caminho promissor para atingir esses propósitos na medida em que investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Por suas relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo (Alves-Mazzotti, 2009, p. 21).

Para coleta de dados foi feita a opção pela gravação de entrevistas semiestruturadas, com o propósito Principalmente de captar a espontaneidade das falas dos entrevistados, este é um dos métodos que segundo Spink (1995, p. 100) favorece a expressão de representações sociais:

As *técnicas verbais* são, sem sombra de dúvida, a forma mais comum de acessar as representações. [...] Dar voz ao entrevistado, evitando assim impor as concepções e categorias do pesquisador, permite eliciar um rico material, especialmente quando este é referido às práticas sociais relevantes

ao objeto da investigação e as condições de produção das representações em pauta (Spink, 1995, p. 100).

Com esteio nestas ideias foram elaboradas questões semiestruturadas para que os professores expusessem com liberdade as suas representações e as questões de gênero relacionado à escolha da profissão, os motivos que levaram a trabalhar como docentes que atuam com crianças, se houve manifestação da comunidade escolar e qual o motivo eles apontam para poucos homens optarem pela carreira docente com crianças.

Para localizar os sujeitos foram feitas ligações para as secretarias de educação de todas as cidades do estado de Mato Grosso do Sul, durante o primeiro semestre do ano de 2014. Após localizar os professores do sexo masculino que estavam atuando na educação infantil, foram selecionadas quatro cidades para coleta de dados: Itaquirá, por ser uma cidade do extremo sul do estado (dois professores aceitaram participar da pesquisa); Tacuru, por ter um professor indígena; Corumbá por ser uma cidade pantaneira e que faz fronteira com a Bolívia; Campo Grande por ser uma cidade maior e capital do Estado. Todos os professores entrevistados eram regentes, ou seja, passavam a maior parte do período com as crianças.

Para facilitar a identificação dos sujeitos pesquisados, suas características como idade, formação, cidade de atuação, etapa da educação em que está atuando e tempo de atuação na educação, foi elaborado o quadro abaixo. Para a preservação da identidade dos entrevistados, os nomes dos participantes da pesquisa encontram-se codificados.

QUADRO 1 – Perfil dos Entrevistados

Sujeitos	Idade	Formação Acadêmica	Cidade MS	Tempo de Magistério	Etapa de atuação	Turma em Que Atua
P1	32	Normal superior Pós-graduação em Administração Escolar.	Campo Grande	6 anos	Educação Infantil	Maternal II (crianças de 3 e 4 anos)
P2	33	Normal superior, Especialização em: Psicopedagogia; Mídias e Tecnologia em educação.	Itaquirá	14 anos	Educação Infantil	Jardim II (crianças de 4 e 5 anos)
P3	64	Pedagogia Mestrado em educação. (cursado no Paraguai)	Corumbá	31 anos	Educação Infantil	Jardim II (crianças de 4 e 5 anos)
P4	38	Magistério Pedagogia	Tacuru	16 anos	Educação Infantil	Jardim II (crianças de 4 e 5 anos)
P5	27	Arte	Campo Grande	6 anos	Ensino Fundamental	Artes 1º a 5º ano
P6	35	Pedagogia Arte	Corumbá	14 anos	Ensino Fundamental	Regente 2º ano
P7	57	Normal Superior	Itaquirá	26 anos	Ensino Fundamental	Regente 5º ano
P8	40	Pedagogia Especialização	Tacuru	17 anos	Ensino Fundamental	Regente 4º e 5º ano
P9	44	Normal Superior	Itaquirá	22 anos	Ensino Fundamental	Regente 5º ano

Fonte: Autoras (2016).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira questão feita aos professores foi a respeito dos motivos que os levaram a trabalhar na educação com crianças. Todos os entrevistados possuem formação apropriada para o exercício da docência nesta etapa da educação, buscamos com esta indagação verificar se houve planejamento ou a opção por atuar com crianças pequenas foi inesperada. Os professores da educação infantil P1, P3, P4 e os dos anos iniciais do ensino fundamental P6, P7 e P8 apresentaram em comum a falta de intenção inicial em atuar como docentes, o P1 relatou:

Bom, primeiro surgiu o concurso e eu pensei na estabilidade do concurso também, né, e chequei de paraquedas aqui, quando eu chequei, eu pensei: meu Deus eu não vou dá conta disso, não! É totalmente diferente, nunca tinha trabalhado com essa faixa etária, no começo eu tive dificuldade e agora eu gosto da educação infantil, mas no começo eu tive muita dificuldade.

O P3 explana seu ingresso na educação infantil da seguinte maneira: "Quando prestei o vestibular não sabia nem o que significava pedagogia quando me mandaram tomar posse em creche, eu fiz concurso meio leigo, sem ter noção do que era aquilo". Isso se enquadra no que Levenfus (1997) caracterizou como uma escolha sem conhecimento da profissão.

O P4 fundamenta a sua opção: "Na verdade eu comecei a gostar depois que eu terminei o magistério, assim, porque na verdade para mim tem que gostar de trabalhar na educação infantil, também tem que gostar, assim, das crianças". O que o entrevistado considera por "gostar" pode ser entendido como fragmento da noção de vocação, associada à ideia de talento, considerado como algo natural, banal e inquestionável. Contudo, de acordo com Soares (2002), a vocação não existe. Não é nato às características de qualquer profissão em quem a executa. São as escolhas que o sujeito faz diante das possibilidades, do sistema social e econômico que participa que orientam a sua vida, assim como as escolhas que não faz.

Os professores dos anos iniciais do ensino fundamental compartilham da mesma característica, a profissão docente não foi à primeira opção de profissão. O P6 versa sobre o planejamento da profissão:

Eu queria fazer jornalismo e não dava para pagar, a situação financeira do meu pai não dava aí eu resolvi optar por Pedagogia porque eu já estava dando aula em casa como reforço, eu tinha bastante alunos e consegui passar em terceiro lugar e consegui fazer Pedagogia.

De maneira similar o P7 lembra: "A minha família é, do interior, simples, e não tinha muita oportunidade. Então, o que você tinha que buscar? Buscar alguma coisa que viesse profissionalizar e eu busquei isso na época". Observa-se que a "escolha" por atuar na profissão docente ocorreu devido às condições, principalmente sociais, desses homens, contudo, o tempo de serviço demonstra que houve um esforço para a manutenção da profissão. Segundo Lapo e Bueno, que pesquisaram professores que desistiram da profissão:

[...] mesmo não sendo a ocupação sonhada pelos professores, após o início na profissão, principalmente durante os primeiros anos, a maior parte esforçou-se e empenhou-se em estabelecer esses vínculos. Ou seja, houve um empenho em realizar o trabalho da melhor forma possível, em adaptar-se ao novo papel e em encontrar satisfação e auto-realização no trabalho docente (Lapo & Bueno, 2003, p. 76).

A fala do professor dos anos iniciais do município de Tacuru evidencia essa representação de que não tinha outra opção profissional, mas que ao decidir pelo magistério se esforçou para fazer um bom trabalho:

Falta de opção de emprego, *tá?* Muitos falam assim: "Ai, eu adoro a educação, eu vou entrar *pra* educação". Muitos falam quando entram, quando entram na educação, quando se fala educação: "Meu Deus do céu, eu nunca quero saber de ser professor, Deus o livre de entrar numa sala de criança", *né?* Bom, foi falta de opção, mas como se implantaram o magistério na época, eu terminei o terceiro científico, então eu falei: "Vou fazer o quê?" Pagar faculdade, eu não tenho condições que até então, quinze anos atrás, é muito difícil, a faculdade todas longe, São Paulo, gasto, eu sem condições de arcar com as despesas. Surgiu o curso de magistério de quatro anos. Aí, na verdade eu fui pra casa. Ah, eu não vou ficar sem fazer nada, vou estudar. Ingressei na educação e eu gosto. Eu comecei a gostar de educação. E eu gosto de educação, né. Tem gente que acha um horror mexer com a... e eu gosto. Eu adoro mexer com criança, ensinar. O meu negócio é ensinar, né. Que criança dá trabalho, quem falar que criança não dá trabalho dá trabalho, mas você tem que saber levar, com o tempo você vai amadurecendo, no início você vai querer impor a sua vontade, depois você vai relevando muitas coisas, você vai aprendendo também a trabalhar com criança, né (P8).

Fica evidente que independente da preparação acadêmica para esses professores a atuação na educação, em especial com crianças, foi inesperada, eles não pretendiam inicialmente exercer a profissão docente. De acordo com Santos (2005), a opção por trabalhar como professor é influenciado, num dado momento, pelas condições históricas, sociais e materiais.

A questão seguinte buscou captar as representações que os professores perceberam da comunidade escolar, incluindo as crianças, os pais e colegas de trabalho. Na educação infantil os relatos dos docentes deixam claro a estranheza causada pela presença de homens atuando com crianças. O P2 fala primeiro sobre a reação das professoras companheiras de trabalho:

Quando elas percebem que é um homem pela primeira vez, ficam meio ressabiada. O homem é um pouco diferente, é mais rígido, na brincadeira às vezes a gente não é tão descontraído quanto as mulheres, mas a gente faz, e as pessoas estranham quando vêm a gente brincando, pulando pra lá e pra cá.

A estranheza o P2 menciona que as crianças e as "pessoas", a comunidade escolar, esboçam ao ver um homem atuar como professor de crianças pequenas, segundo a perspectiva das representações sociais, é causado pelo desconhecido ou não familiar. Sá (1998, p. 37) assim afirma: "[...] o estranho atrai, intriga e perturba as pessoas e as comunidades, provocando nelas o medo da perda dos referenciais habituais, do senso da comunidade e de compreensão mútua".

Os professores da educação infantil das cidades de Campo Grande e Corumbá versam sobre as representações vindas dos responsáveis pelas crianças: "Porque existe este preconceito do homem na educação infantil, de um homem cuidar, porque a educação infantil é vista pra mulher e não para o homem, então a família normalmente vai optar pela mulher" (P1). "A nossa sociedade ainda é muito machista, possivelmente escolheriam a mulher" (P3).

Em geral, as representações predominantes em famílias de crianças pequenas, matriculadas em instituições de educação infantil, são de que a mulher tem características consideradas femininas, como: paciência, amor materno e "jeito", apontado como atributos indispensáveis para o exercício da prática docente com crianças (Gonçalves & Faria, 2014).

Esta representação sugere que o professor que atua nesta etapa do ensino faz uso apenas de conhecimentos da prática doméstica, o que leva a supor que o trabalho destes profissionais necessita principalmente de habilidade relacionadas ao cuidado, o que desvaloriza sua formação profissional. Montenegro (2005) ressalta que em uma sociedade marcada por uma visão assistencialista de atendimento à criança pequena, as mulheres são vistas como naturalmente habilitadas para cuidar e educar, negando com isso a necessidade de formação específica para o desempenho de tais tarefas.

Todos os professores dos anos iniciais do ensino fundamental relataram que não percebem estranhamento por parte da comunidade escolar quanto a homens atuando com crianças, eles afirmam: (P5) Não. Nunca teve, graças a Deus; (P6) Não; (P7) Não, nenhuma. (P8) Nenhuma discriminação; (P9) Não. As crianças com quem esses professores atuam pertencem a faixa etária a partir dos 7 anos, nessa idade a educação da criança não encontra-se tão fortemente vinculada ao binômio educar/cuidar como a educação infantil, etapa em que as crianças necessitam de cuidados específicos com o corpo.

Os professores da educação infantil, mesmo demonstrando conhecimento sobre a importância do binômio educar e cuidar, apresentam resistência quanto ao cuidado físico das crianças, relatando que o cuidado físico como troca de fraldas e banhos são executados geralmente por mulheres.

O P1 relatou: "Eu vou falar um pouco do preconceito que tem com homem no cuidar, né, no começo tinha aquilo que o homem não podia cuidar, né, eu aqui pelo menos trabalhei três anos com o pré e aí eles não usam fralda mais e o educar faz parte da rotina". Também o P3 destaca sobre o cuidado físico necessário a crianças desta etapa da educação:

Nesse sentido e quando é turma bastante a gente tem que ter uma auxiliar que é aquela mulher que faz a limpeza das crianças, por que filho dos outros é importante que tenha uma mulher pra fazer a limpeza, ela dá banho depois à gente ajuda a vestir, a calçar a pentear o cabelo, essa coisa toda, mas o banho tem que ser sempre uma mulher, mas aqui logo que começou eu dava banho na criança de 3, 4 anos.

Nas representações dos professores as mulheres e quem devem exercer o cuidado físico das crianças, Moscovici (2004) afirma que a representação social é uma "preparação para a ação". O conceito dos professores a respeito do cuidado físico das crianças, que deve ser executado por mulheres, é uma representação comum na sociedade que organizam comportamentos e práticas e influenciam para a ação e para as relações sociais.

Cerisara (2002, p.63) argumenta: "[...] somente a proximidade ao caráter escolar-formal daria ao trabalho realizado nas instituições de educação infantil pelas professoras uma legitimidade de trabalho competente e profissional, em que não houvesse o risco de cair na substituição materna." O que justifica também as representações de nos anos iniciais do ensino fundamental não apresentar estranhamento a atuação de homens com crianças no ambiente educacional.

Na procura das representações dos professores sobre a ausência de homens atuando com crianças na educação, perguntamos qual o motivo eles apontam para essa escassez. As respostas dos docentes das duas etapas foram semelhantes, os professores do ensino fundamental falaram sobre o tema com base em seu conhecimento do cotidiano, o P8 disse: "Ah, eu acho que, eu acho que é o comportamento das crianças, o falar das crianças do primeiro ao quinto ano, fazem muita bagunça. É delicado para se

mexer com criança, de se trabalhar com elas, porque elas dão muito trabalho.” O P7 afirma:

Eu, eu acho assim que, o homem, ele teria que ter uma possibilidade muito maior para estar lidando com as crianças, muito mais paciência, porque teria que levar muito mais, como é que eu posso te dizer, ele teria que ter muito mais... Porque a mulher, a professora tem mais arranjo, detalhe, ela é muito mais detalhista, né.

No mesmo sentido responde o P6 “Eu acho que na verdade é a paciência (risos) em cuidar de criança. Porque dá trabalho.” O P5 versa: “Porque criança, então, porque são menores, pequenos, né. Isso, às vezes o professor homem não tem tanta paciência quanto à professora, né. Mulher em sala de aula, né. Esse contato mais assim, materno, afetivo, em sala de aula, né”. Na educação a concepção que a mulher é a melhor educadora para crianças pequenas foi absorvido pela sociedade. Trata-se de representações sociais que contribuíram para o afastamento dos homens do magistério e para aumento da participação feminina no ambiente escolar. Isto ocorre segundo Moscovici (2004) pela função da representação social de tornar o não familiar em algo familiar, ou seja, naturalizar processos que são construídos socialmente.

Diante das discussões dos professores quanto à escassez de homens atuando na educação infantil, perguntamos se eles consideram relevante aumentar este contingente. Todos concordaram que sim. E justificaram as suas respostas. O P1 relatou: “Porque é uma forma de acabar com esse preconceito, quanto mais (professores) menos seria o preconceito, quanto mais homens tivesse na educação infantil se tornaria uma coisa comum, acabaria esse preconceito”.

Para o professor se houvesse mais homens atuando na educação infantil a presença não causaria estranheza e conseqüentemente não perturbaria. Isto significa tornar o não familiar em familiar, uma das funções das representações sociais. Para Moscovici (2004), o não-familiar são as ideias ou as ações que nos perturbam e nos causam tensão. Essa tensão entre o familiar e o não-familiar é sempre estabelecida em nossos universos consensuais, em favor do primeiro. Entretanto, o que nos é incomum, não-familiar é assimilado e pode modificar nossas crenças. Esse é o processo de re-presentar o novo.

O P3 frisa a importância da mudança da mentalidade da sociedade: “Acredito que se a sociedade mudar essa mentalidade possa acontecer isso, como falei é preciso trabalhar muito ainda pra mudar esse ranço de machismo que não somente os homens têm, mas, as mulheres também têm”. E exemplifica de maneira muito interessante:

Porque quando eu entrei aqui tinha gente que falava: guri não pode brincar com boneca, e eu falei: não, tá errado, porque um dia ele vai ser pai, ele vai ter que cuidar do seu filho da sua filha e ele vai ter que aprender, então vamos botar uma fraude na boneca, dá ele essa brincadeira, e você já está ensinando que todo mundo pode cuidar de todo mundo, que um homem pode cuidar de criança, mulher do homem, assim como eu falei, o que tem que acontecer acima de tudo é respeito e amor.

As representações sociais quanto ao papel da mulher e do homem na sociedade têm sido revolucionadas, visto que mulheres executam papéis antes atribuídos aos homens, exercendo os mais diversos tipos de trabalho, e também porque, por outro lado, homens atualmente fazem tarefas antes consideradas femininas, como as tarefas domésticas, incluindo o cuidar das crianças.

Ainda que articuladas às mudanças sociais, as relações entre homens e mulheres são pautadas por valores e concepções culturais que se vinculam aos papéis sociais historicamente atribuídos ao

masculino e ao feminino. É importante destacar que esses papéis se alteraram significativamente nos últimos tempos (Ramos, 2011, p. 101).

Assim, a estrutura social tem sido modificada, o que exige uma flexibilidade entre os seus membros, contudo na área da educação escolar, principalmente na atuação com crianças pequenas, isto ocorre lentamente, pois se percebe uma pequena, porém, existente presença de homens atuando nesta etapa da educação. O P2 espontaneamente fala sobre a igualdade de gênero na docência da educação:

Olha eu acho que o trabalho tanto do homem quanto da mulher na educação infantil é o mesmo o que muda as vezes é o modo, as vezes ela faz de uma forma e você vai fazer diferente, o que não quer dizer que um é o melhor, não posso falar que por ser homem vai fazer melhor ou vai fazer pior, cada um é cada um. Se você entrar em 10 salas diferentes de mulheres são 10 pessoas diferentes, 10 trabalhos diferentes, se você entrar em 10 de homens vai ser 10 trabalhos diferentes, se você entrar em 5 de homens, 5 de mulheres vão ser 10 trabalhos diferentes, não tem diferença eu pelo menos não vejo em qualquer etapa da educação diferença de ser homem ou ser mulher, não tem diferença, a diferença está em cada um, eu dá forma que, eu planejo, do meu comprometimento.

O P3 complementa: "Tem que ver o que esse homem tem de bom para contribuir". A educação escolar reconhece a criança como cidadão que possui aspectos fisiológicos, psicológicos, intelectuais, afetivos, sociais e culturais. As crianças necessitam ter convívio com adultos, que são suas referências, de ambos os sexos, especialmente na escola, principal local de socialização fora da família. Autores como Ramos (2011), Erden et al. (2011) e Mossburg (2004) relacionam a relevância de se ter professores homens com a necessidade de modelos positivos de masculinidade e com a contribuição para a diversidade e equidade de gênero na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre o objetivo do presente estudo de verificar as representações sociais de professores homens que atuam na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, é possível dizer que estes sujeitos consideram aspectos que socialmente são considerados femininos, como, paciência e tolerância, são necessários para o trabalho com as crianças.

Verificou-se que os sujeitos pesquisados, de ambas as etapas da educação, demonstraram falta de interesse inicial em atuar como professores, porém o tempo de exercício no magistério com crianças apresenta que houve esforço para a manutenção da profissão. Contudo a representação social de que a profissão docente não é atraente é comum em nossa sociedade e atinge tanto a homens quanto a mulheres.

Entre os professores da educação infantil fica explícito que há estranheza pela presença de homens atuando com crianças de baixa idade. Pode-se dizer com base nos relatos que esta ocorrência se dá principalmente pelo cuidado físico exigido por crianças que frequentam essa etapa da educação. Ficando a atribuição do cuidado físico fica a cargo de mulheres, novamente a representação social que mulheres são mais adequadas para a atuação com crianças fica evidente, quando somente a elas é permitido executar todas as atividades pertinentes a profissão de docente na educação infantil.

Por meio dos resultados da pesquisa, é possível perceber que por não haver necessidade de toque físico nos anos iniciais, os professores não apresentaram a percepção de estranheza, quanto à atuação masculina com crianças. Contudo, para os professores dos anos iniciais do ensino fundamental algumas características

comportamentais consideradas femininas são oportunas para o exercício do magistério, o que não significa, porém que os professores do gênero masculino não tenham condições de desenvolver as habilidades que são consideradas importantes para o trabalho docente.

Entretanto, o contato com pessoas de ambos os sexos é necessário para a estimulação do desenvolvimento infantil em seus variados aspectos. A educação tem como objetivo principal o desenvolvimento pleno das crianças, estas também têm um papel de ator social e devem ser consideradas como sujeito produtores de cultura. Dessa forma, a interação entre as crianças de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental com referenciais adultos dos gêneros femininos e masculino é considerada relevante para que os alunos tenham condições de interagir e aprender tanto com homens quanto com mulheres. Assim, entende-se que é necessário refletir sobre as representações sociais existentes, para que cada vez mais a sociedade entenda que é importante haver professores homens atuando com crianças nas duas primeiras etapas da educação básica.

REFERÊNCIAS

- Alves-Mazzotti, A. J. (2009). Representações sociais: aspectos teóricos e aplicáveis na educação. *Em Aberto*. Brasília, (61), 60-78.
- Cerisara, A. B. (2002). *Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional*. 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- Erden, S., Ozgun, O., & Ciftci, M. A. (2011). I am a man, but I am a pre-school teacher: Self- and social-perception of male pre-school teachers. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, (15), 3199-3204. <https://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.04.271>
- Gonçalves, J. P., & Antunes, J. B. (2015). Memórias de professores homens que trabalharam como docentes de educação infantil e suas representações sociais. *Interfaces da Educação*, 6(16), 134-153.
- Gonçalves, J. P., & Carvalho, V. S. C. (2014). O que pensam os homens professores que trabalham com crianças? Análise de suas representações sociais. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 1(2), 34-49.
- Gonçalves, J. P., & Faria, A. H. (2014). O que dizem as famílias sobre homens professores trabalhando com crianças de 0 a 3 anos? Análise de suas representações sociais. In.: Ferreira, G. B (Org.) *Pesquisa(s) em educação: múltiplos olhares* (pp 281-293.). Curitiba, PR. CRV.
- Gonçalves, J. P., Faria, A. H., Bezerra, F. C., Oliveira, L. A., & Reis, M. G. F. A. (2015). O trabalho de homens professores com crianças de educação infantil: as representações sociais dos gestores escolares. *Itinerarius Reflectionis*, 11 (1) 1-19.
- Lapo, F. R., & Bueno, B. O. (2003). Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, (118), 65-88. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000100004>
- Levenfus, R. S. (1997). Orientação vocacional ocupacional: a luz da psicanálise. In.: Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp 227-244.). Porto Alegre. Artes Médicas.
- Louro, G. L. (2012). Mulheres na Sala de Aula. In: Priore, M. D., & Pinsk, B. C. (Orgs.). *História das mulheres no Brasil* (441-481). São Paulo, SP: Contexto.
- Minayo, M. C. S. (1998). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Montenegro, T. (2005). Educação Infantil: a dimensão moral da função de cuidar. *Psicologia da Educação*, São Paulo, (20), 77-101.
- Moscovici, S. (1973). *A social psychological analysis*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Moscovici, S. (2004). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mossburg, M. W. (2004). *Male early childhood teachers: shaping their professional identity*. Pro-quest dissertations and theses. (Dissertação de Doutorado). State University, Arizona EUA.

Ramos, J. (2011). *Estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Educação. [Tese de doutorado, apresentada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais]

Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro, RJ: Eduerj.

Santos, M. O. V. (2005). A identidade da profissional de Educação Infantil. In: Guimarães, C. M. (Org.). *Perspectivas para a educação infantil* (pp 87-101). São Paulo: Junqueira e Martin.

Scott, J. W. (1998). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-79.

Soares, D. H. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.

Spink, M. J. P. (1995). O estudo empírico das representações sociais. In: Spink, M. J. P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp 85-108). São Paulo: Brasiliense.